

**BUDISTAS ENTRE AS COLUNAS DO CRAFT:**

**Um estudo sobre a incompatibilidade do buddhadharma e a filosofia maçônica**

(BUDDHISTS AMONG THE PILLARS OF CRAFT: A Study on the Incompatibility of Buddhadharma and Masonic Philosophy)

Fernando Souza <sup>1</sup>

**Resumo**

A maçonaria tem como um de seus pilares a liberdade de crença e religião entre seus membros. Entretanto, no âmbito tradicional e dogmático, a crença na existência de um Deus é um dos principais requisitos para que alguém possa ser iniciado na instituição. Dentro do universo das religiões, o budismo, originário da Índia, é definido como sendo “não-teísta”, ou seja, dentro de seu escopo doutrinário não há crença na existência de um “Deus”. Essas contradições levantam questões sobre a possibilidade de superação das incompatibilidades entre as filosofias budista e maçônica, se um budista pode ser maçom e se, realmente, a maçonaria tolera todas as religiões. Partindo desses questionamentos, a pesquisa tem como objetivo analisar se há compatibilidade entre o sistema de crenças do budismo e as bases fundamentais da maçonaria, apresentando como resultado um estudo que fornece subsídios para religiosos e maçons que buscam maiores aprofundamentos sobre a questão.

**Palavras-chaves:** Maçonaria. Budismo. Filosofia. Religião.

**Abstract**

One of the pillars of Freemasonry is freedom of belief and religion among its members. However, in the traditional and dogmatic context, belief in the existence of a God is one of the main requirements for someone to be initiated into the institution. Within the universe of religions, Buddhism, which originated in India, is defined as being “non-theistic”, that is, within its doctrinal scope there is no belief in the existence of a “God”. These contradictions raise questions about the possibility of overcoming the incompatibilities between Buddhist and Masonic philosophies, whether a Buddhist can be a Freemason and whether Freemasonry really tolerates all religions. Based on these questions, the research aims to analyze whether there is compatibility between the Buddhist belief system and the fundamental bases of Freemasonry, presenting as a result a study that provides support for religious people and Freemasons seeking greater depth on the issue.

**Keywords:** Masonry. Buddhism. Philosophy. Religion.

<sup>1</sup> Mestre em Ciências da Religião da Universidade Federal de Sergipe (PPGCR/UFS); pós-graduado em História das Religiões, Filosofia da Religião, Metodologias Ativas na Docência da Educação e Maçonologia; Graduado em Ciências da Religião. E-mail: [fernandordesouza@yahoo.com](mailto:fernandordesouza@yahoo.com)

## Introdução

A maçonaria é uma instituição iniciática, progressista, evolucionista e filantrópica que tem como objetivo o aprimoramento do ser humano por meio dos ensinamentos contidos em seus símbolos e mistérios. Ao contrário do que circula pelo imaginário popular, a maçonaria não é uma religião, apesar de utilizar em seu arcabouço filosófico e simbólico elementos das religiões, principalmente judaísmo, cristianismo, e das religiões egípcia e grega.

A complexidade do sistema esotérico da instituição permite uma existência plural de diferentes ritos e rituais, ou seja, formas como as cerimônias são executadas durante as reuniões, seguindo as diversas tradições da maçonaria. Nesse sentido, a instituição maçônica dividida de acordo com tradições, costumes e posições geográficas, une-se por meio de seus símbolos e mistérios organizados parcialmente em seus rituais, cada um de acordo com seus ritos.

Em termos de organização administrativa, pode-se tomar como ponto de partida a divisão em dois grandes grupos, chamados "tradicional/dogmático" e "liberal/adogmático". Esses dois ramos são encabeçados referencialmente pela Grande Loja Unida da Inglaterra e Grande Oriente da França, que se afastaram mutuamente ainda no século XVIII como consequência de uma disputa de cunho filosófico, onde por meio do argumento de "livre pensamento" e da "liberdade de crença" os franceses passaram a aceitar ateus nos espaços maçônicos, indo de contra a proibição histórica da instituição. Após a querela, diferentes administrações maçônicas, também chamadas "potências", passaram a se reconhecer de acordo com alinhamentos ideológicos, políticos e filosóficos. Para facilitar o entendimento, os pesquisadores da maçonaria os dividem nos dois supracitados grupos.

Dentro do grupo de potências maçônicas que fazem parte do ramo tradicional da maçonaria há leis e regras em comum que servem de princípios básicos e norteadores para que elas possam reconhecer política e administrativamente umas às outras. Em geral, esses direcionamentos são aqueles já bastante conhecidos e difundidos nos meios maçônicos, por sua importância histórica, como os *landmarks*, as Constituições de Anderson (1723), *Ahiman Rezon* (1756) e as próprias constituições nacionais e regionais das potências maçônicas, que possuem em partes textos fundamentados nas tradições e escritos mais antigos.

Dentre os vários princípios basilares da maçonaria, toma particular destaque a obrigatoriedade da crença em Deus, exigida antes mesmo do ingresso na instituição para aqueles que desejam fazer parte da

maçonaria. Conforme aponta Rodrigues de Souza em seu artigo *La cuestión de lo sagrado en la masonería: Intolerancia, controversias y enfoques*, "a maçonaria em sua vertente tradicional exige daqueles que buscam iniciar em seus augustos mistérios a crença em Deus, independente de filiação religiosa, respeitando a liberdade de pensamento e a expressão de fé de cada indivíduo" (Rodrigues de Souza, 2023, p. 141). Tal requisito parece abarcar as mais diversas expressões religiosas, desde que, evidentemente, Deus faça parte do arcabouço da religião.

Assim sendo, é comum a presença dos mais variados credos dentro das reuniões maçônicas, sendo vedada a discussão de matéria religiosa para evitar a desarmonia no grupo e também o discurso proselitista, tendo em vista que os princípios da organização prezam pela liberdade religiosa e não assumem uma religião como sendo oficial ou a expressão única da verdade.

Em suma, cada maçom é livre para ter sua própria religião, no entanto, é proibido a discussão sobre o assunto durante as reuniões. Diante disso, é comum o argumento de que a maçonaria é tolerante com todas as religiões, mas isso é realmente verdade? Assim como a instituição maçônica é plural, as religiões também gozam desse privilégio, então a maçonaria consegue privilegiar homens religiosos de todas elas? Evidentemente é tarefa impossível realizar uma análise comparativa entre maçonaria e todas as religiões dentro das limitações de um artigo. Dessa forma, a pesquisa é um recorte com foco no arcabouço filosófico do budismo, uma religião indiana que surge no século VI a.e.c., e tem sua fundação atribuída ao príncipe membro do clã dos *Sakyas*, Siddharta Gautama, também conhecido como Buda.

A incompatibilidade entre a filosofia e os ensinamentos do budismo (*buddhadharma*) e a filosofia maçônica se dá em diferentes aspectos, tendo em vista que a maçonaria possui forte influência cristã, bem como da filosofia ocidental e do iluminismo, conforme será apresentado adiante. Tais incompatibilidades, muitas vezes, são ignoradas na *práxis* cotidiana dos procedimentos maçônicos em relação aos movimentos realizados para a recepção e ingresso de novos candidatos na instituição, já que a crença em Deus é um requisito necessário para que a cerimônia seja realizada de maneira exitosa e o budismo é uma religião não-teísta, ou seja, que não trata ou possui "Deus" em seu arcabouço de crenças.

Assim, partindo da noção de incompatibilidade entre budismo e maçonaria, a pesquisa pretende analisar os seguintes questionamentos: É possível su-

perar as incompatibilidades entre as filosofias budista e maçônica? Um budista pode ser maçom? A maçonaria tolera todas as religiões?

### Breve histórico do budismo

O budismo é uma religião que surge a partir da experiência de Siddharta Gautama, conhecido por ser um príncipe,<sup>2</sup> presumivelmente originário de Lumbini, onde hoje é o atual Nepal. A história da sua vida é envolta em diferentes fontes, tradições e mitos. Com base nas literaturas traduzidas para o idioma português, sabe-se que Gautama cresceu dentro dos limites palacianos de seu clã, governado por seu pai, Sudhodana, sendo educado para ser seu sucessor. Há textos que mencionam que, durante a gravidez de Mayadevi, mãe de Siddharta, oráculos afirmaram que o filho que ela esperava seria um grande governante ou um religioso. Assim, durante a juventude, Siddharta Gautama recebeu educação militar e tinha todos os prazeres reais à sua disposição (Kyokai, 2013).

Uma inquietação fez com que, aos 29 anos, Siddharta decidisse sair dos limites palacianos, resultando em seu encontro com quatro visões: um cortejo funerário, um homem doente, um idoso e, por último, um brâmane asceta de semblante sereno. Esses encontros fizeram com que ele abandonasse sua família e seus bens materiais, e fosse ao encontro dos brâmanes ascetas em busca de uma doutrina que o auxiliasse a encontrar a superação do sofrimento e insatisfação que surgiram como resultado da introspecção após as quatro visões. A partir daí, durante 6 anos, ele buscou pelo caminho que o inquietava, estudou, meditou, praticou ascese chegando próximo à morte, mas sem sucesso. Após abandonar as práticas mais extremas, entendeu que o sucesso de sua prática só faria sucesso por uma via média. Foi assim que, após um período de meditação sentado embaixo da árvore *bodhi*, alcançou a iluminação.

Após alcançar o nirvana, Siddharta Gautama passou a ser conhecido como Sakyamuni Buda, ou seja, o Buda (iluminado, aquele que tem a mente esclarecida) do clã dos Sakyas, e passou 45 anos transmitindo sua doutrina (*dharma*) em diversas localidades, juntando seguidores que posteriormente se organizaram na comunidade de monges mendicantes (*sangha*). Seus ensinamentos mais notáveis são "As Quatro Nobres Verdades" e o "Nobre Caminho Óctuplo". No entanto, após sua morte aos 80 anos, a doutrina foi compilada por seus seguidores em textos

conhecidos como *suttas*.

De acordo com Diniz (2010), a expansão da religião, facilitada pelos mercadores da rota da seda, levou os ensinamentos budistas para a China, depois Coreia e Japão, por último ainda chegou ao Tibete. Daí o budismo dividiu-se em dois grandes ramos, *Theravada*, que tem como expoente o budismo tailandês e geralmente associado ao budismo mais próximo àquele da época de Buda, e *Mahayana*, dos budismos do leste Asiático (Harvey, 2019).

Dentro do *Mahayana* a doutrina budista desenvolveu-se por onde se estabeleceu. Assim, os ensinamentos que se dedicavam a uma práxis focada na superação da insatisfação e sofrimento humano, por meio da meditação e práticas de fala, pensamento, ação, etc., agora também continham aspectos vinculados à devoção, fé, acúmulos de méritos por práticas de mantras. Além disso, houve um desenvolvimento maior no que diz respeito à ontologia. É nesse contexto que surgem as discussões sobre *sunyata* (*vacuidade*), ou seja, a noção da superação do eu e do não-eu.

Cada escola budista vai manter o cerne dos ensinamentos de Buda como centro de seu arcabouço filosófico e religioso. Entretanto, desenvolvimentos surgiram acompanhados do surgimento de novos sutras, traduções de textos antigos, debates de monges e mestres. Com consequência, ocorreu o desenvolvimento da doutrina de Buda durante um período de mais de 1500 anos.

### Breve histórico da maçonaria nas Ilhas Britânicas

A maçonaria tem suas origens de maneira complexa, de modo que ainda não é possível apontar com exatidão quando ela surgiu. Contudo, entende-se que a instituição é herdeira das antigas guildas de pedreiros da Idade Média.

Após a invasão do Império Romano ao território das Ilhas Britânicas, o modelo de organização dos artesãos e pedreiros de Roma também foi levado para aquela localidade. Eles eram responsáveis pelas construções das igrejas, pontes, muralhas e demais necessidades da construção civil, de acordo com a necessidade do Império ou da Igreja. Naquele contexto, a maçonaria estava bem próxima da Igreja Católica Romana e as evidências apontam para relações amistosas entre ambas as instituições, como aponta a Carta de Bolonha (1248), que registra a presença de dois monges católicos fazendo parte da lista de ma-

<sup>2</sup> Apesar de as biografias tradicionais o mencionarem como príncipe, Gombrich (1988) afirma que o governo regido pela família de Siddharta Gautama se tratava de uma oligarquia ou república.

trícula de membros da maçonaria. Como naquele contexto muitos maçons eram analfabetos, pode-se inferir que a presença dos monges está ligada às tarefas administrativas, como de secretaria ou finanças.

A maçonaria inglesa, por sua vez, toma para si a primazia e defende a origem da instituição nas terras inglesas. O maçónólogo Harry Carr (1945) sustenta argumentos afirmando que a instituição que serviu de referência para o surgimento da maçonaria como conhecida foi a *London Masons Company*, fundada em 1376, que funcionava como um sindicato de artesãos que trabalhavam com pedras.

Independentemente de onde surge a forma embrionária da maçonaria (Região da Itália ou Ilhas Britânicas), é ponto pacífico entre os pesquisadores que os séculos XIV e XVIII marcam o período onde as cerimônias se desenvolvem e a instituição passa de seu aspecto laboral (maçonaria operativa) e passa a receber membros que não faziam parte da construção civil, chamados especulativos, consistindo em membros da aristocracia europeia, filósofos, etc. Assim, o marco formal da transição entre a maçonaria operativa e a especulativa se dá com a fundação da Grande Loja da Inglaterra em 1717.<sup>3</sup>

As próximas décadas, após o surgimento da Grande Loja da Inglaterra, são marcadas pelos desenvolvimentos ritualísticos e o surgimento de novos graus. A filosofia iluminista também passa a ser uma influência na maçonaria, fazendo um contraponto à filosofia cristã, já bem estabelecida na instituição. Cismas também são registrados nesse período. Ainda na atualidade, a instituição continua a se adaptar e passa por atualizações, correções de seus rituais de acordo com as novas evidências oriundas das pesquisas de historiadores e maçónólogos.

### **Budismo e Maçonaria, é possível?**

Para compreender os pormenores dessa religião, tomaremos como ponto de partida a filosofia da religião budista, realizando contraponto com os fundamentos e a filosofia maçônica. Historicamente, o primeiro registro de um provável budista iniciando na maçonaria aconteceu em 1888, na Birmânia. O ocorrido está registrado no primeiro volume das *transactions* da *Ars Quatuor Coronatorum* (1888) e menciona o espanto dos ingleses ao tomarem conhecimento de uma provável iniciação de um budista na maçonaria. O texto ainda menciona que budismo e maçonaria são incompatíveis, sob o argumento de

que o budismo é uma religião ateuista, dessa forma, seria algo estranho à doutrina maçônica de base cristã. A questão é esclarecida e registrada no volume 2 (1889) da mesma revista, publicada no ano seguinte. O texto menciona que o suposto candidato passou pela conversão ao cristianismo e assim pôde realizar suas obrigações e juramentos. A sessão foi conduzida por um Venerável Mestre parsi, tendo como vigilantes um hindu e um inglês, e o diácono era um muçulmano.

Os sutras budistas mencionam supostas falas de Buda, onde, durante suas discussões com brâmanes, os refutava em suas crenças sobre a existência de Deus ou um princípio criador. Outros budistas afirmam que Buda, quando questionado sobre a existência de Deus, mantinha-se em silêncio. Tal atitude demonstrava que para ele o assunto não era algo que devesse receber importância, dado a urgência da necessidade de superação da insatisfação humana que gera o apego, e conseqüentemente a prisão no ciclo de renascimentos (*Samsara*).

Dentro da cosmovisão budista, a ideia de um universo criado, como no cristianismo, não existe. A explicação budista é através do conceito de "Originação Dependente", ou seja, todos os fenômenos existentes só possuem essa qualidade por estarem interligados, como uma espécie de teia, de modo que um só existe como consequência da existência do outro, interdependentes. Além disso, a existência é concebida de maneira cíclica. Assim, na concepção budista, o universo que surge em determinado momento irá deixar de existir, e outro surgirá novamente, sucessivas vezes em tempos indeterminados.

No aspecto ontológico, o budismo trabalha a ideia de *sunyata*, ou seja, vacuidade/vazio. Se para a filosofia cristã os seres humanos são dotados de espírito e alma, no budismo tais elementos não existem. No desenvolvimento dessa doutrina, afirma-se que todos os fenômenos existentes são vazios de um eu inerente e intrínseco. Isso explica-se mais facilmente quando posto ao lado da ideia de "interdependência", que significa a ideia de que tudo está ligado de alguma forma. Por exemplo, um objeto A só existe como consequência da existência de outros objetos (B, C e D), e assim todos os fenômenos seguem a mesma lógica. Diante disso, para a filosofia budista não há um "eu", pois se fosse possível retirar a existência de qualquer um dos elementos que compõe os objetos (B, C ou D), o objeto A não existiria,

<sup>3</sup> Os professor Andrew Prescott e Susan Mitchell Sommers, no artigo 'Did Anything Happen in 1717?' (2018), propõem o ano 1721 como a data de fundação.

logo, conclui-se que não existe o “eu” do objeto A.

Ainda seguindo *sunyata*, o nome do objeto seria apenas um conceito. Quando o ser humano se apega ao conceito, a forma, ou um suposto “eu”, é aí que surgirá o sofrimento e a insatisfação humana, pois conforme a doutrina budista todos os fenômenos vazios são destituídos do “eu”, logo, apegar-se a algo que não existe (apenas na mente discriminativa daquele que observa) é uma compreensão errônea. O método budista consiste na superação da ignorância humana oriunda das visões e compreensões erradas que culminam gerando apego, insatisfação, sofrimento e ira.

A maçonaria, por sua vez, não possui uma visão própria ontológica ou acerca da criação do universo. Contudo, por ter suas bases influenciadas pelo cristianismo, é possível encontrar em alguns de seus rituais tais influências. Ainda na Idade Média, as reuniões maçônicas estavam organizadas mais ou menos da seguinte forma:

Uma oração inicial; (b) Uma história lendária do ofício de pedreiro, traçando sua jornada desde as terras bíblicas até seu estabelecimento na Inglaterra; (c) Um código de regulamentos para mestres, companheiros e aprendizes, principalmente regulamentos comerciais, mas incluindo vários de caráter moral; (d) Arranjos para assembleias 'territoriais' em grande escala, anualmente (ou trienalmente), nas quais a participação era obrigatória; (e) Disposições para o julgamento e punição dos infratores; (f) procedimento para a admissão ou recepção (Carr, 1968, p. 154 apud Souza, 2022, p. 47).

Essas orações, registradas nas “Antigas Obrigações”, geralmente consistiam em um caráter monoteísta e cristão. Além da oração realizada na conclusão das reuniões maçônicas, um ponto bastante central na maçonaria é a cerimônia de iniciação de candidato. De acordo com apontamentos sintetizados com a análise dos documentos medievais da instituição, é possível obter como resultado um esquema sequencial das iniciações na Idade Média:

(1) Uma oração de abertura ou invocação; (2) Uma leitura da história lendária.

Por ser um procedimento demorado pode ter sido abreviado ou omitido; (3) O candidato coloca a mão no livro; (4) As obrigações são lidas para ele; (5) O candidato assume sua obrigação de observar as obrigações (Carr, 1968, p. 155 apud Souza, 2022, p. 48).

Conforme apontamentos de Souza, “essa era a forma de cerimônia até aproximadamente 1583, ano em que foi publicado o Grand Lodge n° 1 MS., onde aparecem algumas das palavras verdadeiramente utilizadas nessas cerimônias” (SOUZA, 2022, p. 48).

Ainda hoje, durante a cerimônia de iniciação, as orações estão presentes, bem como as obrigações do candidato. Seguindo na análise das “Antigas Obrigações” é possível verificar orações onde o candidato afirma seu amor a Deus, à sua igreja, fidelidade aos seus companheiros de ofício e obediência ao rei (Carr, 1968).

Dessa forma, os documentos e rituais antigos da maçonaria apontam para uma influência religiosa cristã, que em determinados momentos indicam para uma espécie de dívida e devoção para esse tipo de espiritualidade. O maçomólogo W. Westcott, em suas considerações sobre maçonaria e religião, apresentadas na edição de 1888 da *Ars Quatuor Coronati*, afirma que “a Maçonaria tem, ao que parece, uma grande ideia central, um criador, um Deus Único” (Westcott, 1888, p. 74).

Ele afirma ainda: nossa atual doutrina é o unitarismo, revestido das virtudes cristãs. Se a Maçonaria surgiu como um esquema inteiramente novo no século 16 ou 17, ela deve ter surgido em uma terra cristã e certamente teria sido marcada por características especialmente trinitárias, que teriam permanecido permanentes (Westcott, 1888, p. 75).

No mesmo texto, há uma afirmação bastante concisa sobre como os ingleses compreendiam a posição e influência do cristianismo na maçonaria. Nas palavras de Westcott: “Todas as suas tradições, títulos e palavras são tiradas das Escrituras, suas lições são derivadas delas, e muito de sua fraseologia é apropriada da mesma fonte” (Westcott, 1888, p. 282), demonstrando que essa visão já estava bem estabelecida no século XIX.

Mesmo após o deísmo ter sido inserido na

maçonaria, como resultado do ceticismo crescente já no século XVII, e posteriormente, as influências dos filósofos newtonianos e sua religião natural, a doutrina cristã ainda permaneceu nas entrelinhas do arcabouço simbólico e filosófico da maçonaria (Souza, 2023).

Conforme supracitado, as *transactions* da *Ars Quatuor Coronati* (1888) mencionam o primeiro caso que se tem registro, de um suposto budista sendo iniciado na maçonaria da Birmânia. O texto relata a surpresa negativa dos maçons ingleses e sua indignação pela situação. No material consta que “o budismo só pode ser chamado de religião em um sentido muito peculiar, pois é teoricamente um ateísmo puro e ignora totalmente a existência de uma divindade” (Speth, 1888, p. 191). Tal afirmação revisita uma informação pertinente e que comumente é negligenciada pela maçonaria em suas bases ideológicas.

O budismo é identificado como uma religião “não-teísta”, ou seja, nela não existe o conceito de um Deus, ou demiurgo, criador de todas as coisas, muito menos algo como a trindade da religião cristã. Isso é demonstrado na indignação dos ingleses ao tomarem ciência de um budista sendo iniciado, pois, sendo assim, como alguém que faz parte de uma religião onde não existe deus poderia realizar seus juramentos em parâmetros já estabelecidos pelo viés cristão? E que, por isso, o mesmo texto afirma que “um budista parece carecer de vários requisitos essenciais exigidos de um candidato à Maçonaria” (Speth, 1888, p. 191).

Tal avaliação pode parecer contrário aos pilares de tolerância religiosa expostos pela instituição, contudo, por “Deus” se tratar de um pilar central no sistema maçônico, para o sistema inglês abrir exceções de acordo com crenças de grupos religiosos, se colocaria como algo que fere os fundamentos da maçonaria. Nesse sentido, parece que a questão da “tolerância” é mais sobre o não-combate e a não-perseguição a sistemas religiosos, não necessariamente a permissibilidade deles dentro da instituição.

Outro ponto que pode ser mencionado como impossibilitante da participação de budistas na maçonaria diz respeito ao conceito de alma, diferente em ambas as tradições. No site da Grande Loja Maçônica do Amazonas (GLOMAM), é afirmado que um dos credos da maçonaria é a crença na imortalidade da alma.<sup>4</sup> No budismo, por sua vez, não há a crença na alma. Isso se dá como resultado das concepções sobre *sunyata* e “originação dependente”.

Para a crença budista, os seres existem como resultados de causas e condições cármicas de existências anteriores. Dessa forma, após a morte, com a dissolução material do corpo, todas as ações realizadas durante a vida condicionarão um renascimento posterior em um dos seis reinos do *samsara* (humanos, divindades, demônios, animais, fantasmas famintos e infernos). Vale ressaltar que o que renasce não é a forma, mente ou alma, mas sim o carma que atua em um *continuum*, cessado apenas com o nirvana.

Outro conceito importante para os budistas é o da impermanência, que significa que não existem fenômenos que sejam eternos. Isso justifica a crença nos renascimentos e na existência interdependente e cíclica. A ideia de um Deus, como no brahmanismo ou nas religiões monoteístas, que tem como qualidade principal ser eterno, vai totalmente contra essa concepção budista. Isso não significa que o budismo negue a existência de divindades, no entanto, elas estão sujeitas ao carma e à impermanência, ou seja, elas nascem, sofrem de maneira semelhante aos seres humanos e morrem.

Por último, vale mencionar a doutrina budista dos três corpos (*Trikaya*) constituída dentro do veículo *Mahayana*, que afirma a divisão filosófica que descreve a natureza multidimensional acerca da existência de um Buda (Snelling, 1987). De acordo com esse conceito, um Buda possui três corpos ou aspectos distintos, cada um representando uma faceta diferente da iluminação. São eles: a) *Dharmakaya* (Corpo do Dharma ou a realidade última): engloba a essência da própria iluminação, incluindo conceitos como o vazio (*sunyata*), a natureza de Buda e uma existência pura que transcende as formas materiais e espirituais; b) *Sambhogakaya* (Corpo do Prazer): representa os Budas divinos dos reinos Búdicos e está ligado ao aspecto alegre e gratificante do estado de Buda; e c) *Nirmanakaya* (Corpo de Transformação): representa a forma física de um Buda neste mundo (Harvey, 2019).

É possível que algum candidato, supostamente budista, tomando como base a doutrina do *trikaya*, afirme que o *Dharmakaya*, ou seja, a realidade última, seja o equivalente a Deus, para assim justificar que a fé budista é compatível com os preceitos maçônicos. No entanto, a crença comum budista é a de que não se trata de uma divindade real, mas sim de uma simbolização dos princípios naturais e morais do universo. Em casos de exceção, há quem possa compreender o conceito como sendo uma expressão

<sup>4</sup> Cf. [www.glomam.org.br/page/perguntas-e-respostas](http://www.glomam.org.br/page/perguntas-e-respostas).

“panteísta”, contudo, mesmo esse suposto panteísmo -budista, por definição e conceitualização, não se enquadraria nas premissas maçônicas sobre a natureza de Deus.

Mesmo em escolas budistas *mahayana* ou *vajrayana*, que popularmente são associadas ao teísmo, embora equivocadamente, o entendimento é o de que os Budas venerados são representações simbólicas do *Dharma*, ou seja, os ensinamentos proferidos por Siddharta Gautama (HIROTA, 2022). Dessa forma, a análise do escopo filosófico e religioso do budismo aponta para a noção de que, dentro do espaço formal da crença, não há espaço para sustentar a convicção em uma divindade aos moldes requeridos pela maçonaria.

### Conclusão

A pesquisa analisou se há compatibilidade entre a maçonaria e o budismo no campo da doutrina, objetivando oferecer respostas sobre a permissibilidade de candidatos que adotem essa fé em fazer parte da instituição. Os resultados demonstram que historicamente essa união foi vista negativamente pelos maçons da Grande Loja Unida da Inglaterra, vista como a principal potência da regularidade maçônica. Os ingleses afirmavam que o ateísmo budista era incompatível com a maçonaria, que tinha como requisito a crença em um Deus aos moldes bíblicos. Além disso, eles eram muito claros sobre a influência do cristianismo na instituição, fato que pode ser observado nos juramentos realizados pelos recém-iniciados ainda no período da Idade Média.

A investigação ainda demonstrou que os conceitos vacuidade, carma, originação dependente e impermanência são contrários à ideia de Deus eterno e à crença na alma. O foco da crença budista não está exclusivamente na fé, e apesar de não se negar a existência de divindades, as quais são extremamente numerosas, principalmente no *mahayana* e *vajrayana*, elas estão sujeitas ao carma, nascimento e morte. Se o Deus do monoteísmo fizesse parte do panteão budista, ele também estaria sujeito ao desaparecimento. Isso, aos olhos de cristãos, judeus, muçulmanos e outras religiões monoteístas, é absurdo, demonstrando a incompatibilidade entre essas expressões religiosas.

Diante disso, partindo das questões norteadoras do problema da pesquisa sobre a possibilidade de superar as incompatibilidades entre as filosofias budista e maçônica, se um budista pode ser maçom, e se a maçonaria tolera todas as religiões, entendemos que as indicações apontam como resposta “não”. Co-

mo já exposto, as filosofias budista e maçônica são incompatíveis em pontos centrais: Deus e alma, sendo insuperáveis, pois para isso seria necessária a desconstrução de pelo menos um dos dois sistemas. Um budista também não pode ser maçom porque sua crença “não-teísta” é um impedimento diante das leis da maçonaria regular. Por fim, apesar do discurso maçônico ser de tolerância às religiões, é necessário ressaltar que se trata do aspecto ético da instituição, pautado no pilar da liberdade, contudo historicamente temos evidências de que há um afastamento da maçonaria e as religiões que não possuem Deus como presente na crença.

Se há casos de budistas iniciados na maçonaria, isso se dá há dois fatores. Os responsáveis pela administração da loja não possuem conhecimentos acerca do budismo, assim não encontram motivos para a recusa do candidato, ou o postulante não faz parte de uma comunidade budista formal, que requer uma iniciação baseada na tomada de votos de confiança ao Buda, à comunidade e ao *Dharma*. Evitemos entrar no mérito da possibilidade de omissão e não-sinceridade por parte do candidato ao não expor as verdades fundamentais da sua fé, visando passar pelos processos e assim ser iniciado, pois a tarefa investigativa cabe aos responsáveis pelo processo de admissão.

### Referências Bibliográficas

- CARR, Harry. The Six Hundred Years of Craft Ritual. *AQC*, v. 81. Londres: Ars Quatuor Coronatorum, 1968.
- DINIZ, Alexandre M. A. Surgimento e dispersão do budismo no mundo. *Espaço e cultura*, UERJ, RJ, N. 27, P. 89-105, JAN./JUN. DE 2010.
- GOMBRICH, Richard. *Theravada Buddhism: A Social History from Ancient Benares to Modern Colombo*. London: Routledge and Kegan Paul, 1988.
- HARVEY, Peter. *A Tradição do Budismo: História, Filosofia, Literatura, Ensinaamentos e Práticas*. São Paulo: Cultrix, 2019.
- HIROTA, Dennis, "Japanese Pure Land Philosophy", The Stanford Encyclopedia of Philosophy. (Fall 2022 Edition). Disponível em: <<https://plato.stanford.edu/archives/fall2022/entries/japanese-pure-land/>>. Acesso em 31 mar. 2024.
- KYOKAI, Bukkyo Dendo. *A doutrina de Buda*. 2ª ed. São Paulo: Martin Claret, 2012.
- RODRIGUES DE SOUZA, F. La cuestión de lo sagrado en la masonería: Intolerancia, controversias y enfoques. *REHMLAC+, Revista de Estudios Históricos de la Ma-*

*sonería Latinoamericana y Caribeña plus*, [S. l.], v. 15, n. 2, p. 140–156, 2023. DOI: 10.15517/rehmlac.v15i2.54751. Disponível em: <https://revistas.ucr.ac.cr/index.php/rehmlac/article/view/54751>. Acesso em: 23 feb. 2024.

SNELLING, John. *The Buddhist handbook. A Complete Guide to Buddhist Teaching and Practice*, London: Century Paperbacks, 1987.

SOUZA, F. R. Das antigas obrigações aos cowans: as principais exposições na Europa e suas influências no desenvolvimento dos rituais maçônicos. In: *VII Encontro Nacional do NESEM 200 ANOS: 'INDEPENDÊNCIA' PARA QUEM? 13º Encontro Nacional de História da UFAL*, 2022, Maceió. Encontro Nacional do NESEM 200 anos: “independência” para quem?: anais do evento. Maceió: Núcleo Escravidão e Sociedade na Época Moderna (UFAL), 2022. p. 43-54.

SPETH, G. W (org.). Extracts from Correspondence, Notes, & C. *Ars Quatuor Coronatorum*. London: Transactions of the Quatuor Coronati Lodge N°. 2076, v. 1, 1888, pp. 249-252.

SPETH, G. W (org.). CHRONICLE. *Ars Quatuor Coronatorum*. London: Transactions of the Quatuor Coronati Lodge N°. 2076, v. 2, 1889, pp. 81-84.

WESTCOTT, W. W. The Religion of Freemasonry illuminated by the Kabbalah. *Ars Quatuor Coronatorum*. London: Transactions of the Quatuor Coronati Lodge N°. 2076, v. 1, 1888, pp. 73–78.